

ORIENTAÇÃO SEXUAL, DEFICIÊNCIA VISUAL E INCLUSÃO: DESVELANDO SENTIDOS A PARTIR DO FILME “EU NÃO QUERO VOLTAR SOZINHO”

Alessandro da Silva Guimarães
Doutorando em educação pelo PPGE-UFES
alessandro2210@gmail.com

Deonato Feltz Júnior
Graduando em Educação Física pela UFES
feltzjr@gmail.com

Hiran Pinel
Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE-UFES)
hiranpinel@ig.com.br

Introdução

Partir da fenomenologia existencial é partir do movimento da própria vida, compreendendo que esta deve ser sempre desvelada como surpresa, como acontecimento. Partindo desse pressuposto este artigo tem como objetivo buscar uma compreensão possível do curta-metragem *Eu não quero voltar sozinho*, de Daniel Ribeiro, a partir de uma perspectiva fenomenológica e existencial, buscando compreender e desvelar os sentidos de ser-sendo jovem deficiente visual em processo de descoberta do desejo e da sexualidade. O curta-metragem aparece com uma trama que nos possibilita explorar questões relevantes para refletirmos a questão da inclusão em dois aspectos: o da deficiência física e o da diversidade sexual. Ele aborda a vida de um adolescente com deficiência visual e como ele lida com questões escolares, com os amigos e com sua sexualidade. Como o título do trabalho sugere, pretendemos descrever algumas situações enfrentadas pelo personagem Leonardo (Léo) que são oriundas de seu cotidiano, tanto na escola quanto fora dela. Obviamente, este artigo nem de longe esgota as possibilidades de interpretação desse curta-metragem, mas oferece reflexões relevantes para pensarmos questões de alguns temas - transversais às nossas práticas, mas que estão sempre presente em nosso cotidiano e instigando-nos (de maneira ou outra) a sempre ensaiar novas respostas para novas possibilidades.

Como assinalamos acima, a nossa opção de análise e sustentação teórica foi pelo método fenomenológico que seria “[...] uma tentativa de escapar das construções teóricas da ciência e da filosofia, por meio das quais buscamos ter um controle intelectual de nossa existência, e retornar a simples descrições de nosso envolvimento pré-reflexivo com o mundo, das quais essas mesmas construções teóricas derivam seu significado” (MATTHEWS, 2010, p. 33). O nosso foco de análise foi a percepção de Léo sobre o universo de relações que o cercam e como essa mesma percepção está ligada ao seu envolvimento existencial com o mundo. Nesse sentido, “[...] a percepção seria um envolvimento prático com as coisas. Perceber algo não é apenas ter uma ideia a respeito, mas lidar com isso de alguma forma” (MATTHEWS, 2010, p. 33). Dessa forma, pretendemos analisar o envolvimento de Léo com o mundo (vivido) e as maneiras que esse adolescente encontra para lidar com suas questões.

A proposta metodológica deste trabalho inspira-se no método fenomenológico existencial para que, através desse caminho, possamos vivenciar (pois a vivência é sempre maior que qualquer esquema teórico) e descrever os tempos-espacos do ser-sendo¹ jovem cego e homossexual no cotidiano escolar e não escolar, destacando as interações e relações afetivas construídas pelo personagem Léo nesses mesmos tempos-espacos. Afinal, como nos explica Trugilho (2008, p. 80): “[...] Enquanto pensamento filosófico, a Fenomenologia se ocupa em pensar a realidade, buscando compreender como o sujeito vivencia sua experiência cotidiana”. Colocaremos-nos, desse modo, na busca do que podemos chamar de uma arqueologia existencial significativa (pois como bem ensinou Husserl, Heidegger e o próprio Merleau-Ponty a fenomenologia pode ser traduzida numa busca vivida ou desvelamento dos sentidos e significados construídos sobre e a partir da existência concreta).

Fenomenologia e o movimento da vida – algumas pistas possíveis

O próprio Husserl, considerado o grande precursor da fenomenologia enquanto filosofia e enquanto método de conhecimento, fala-nos da fenomenologia enquanto resgate espiritual de um mundo sem alma, reduzido ao racionalismo reducionista moderno. Ele nos fala que

¹ Paiva (2006, p. 83) nos faz compreender a ideia de ser-sendo em Pinel da seguinte forma: “Para ele [Pinel], **SER** é o “modo de ser sendo si mesmo no cotidiano do mundo”. Assim o ser - que etimologicamente significa raiz/ afixação/ assentamento etc. - é estar em processo, em devir, um projeto sempre aberto. O ser aparece (ganha sentido) nesses modos. Já o **ser sendo** é a maneira como algo se torna presente, manifesto, entendido, percebido, compreendido e finalmente conhecido para o ser humano, para o ser-aí ou Dasein”.

devemos retomar o mundo da vida (*Lebenswelt*), pensada aqui como retomada do horizonte da experiência histórica e existencial do sujeito a partir de sua inserção no mundo (Husserl, 2002). Em um resgate na própria busca pelo pensar-existencial, segundo Husserl (2002, p. 65), na Grécia Antiga (entre o séc. VII e VI a.C), “[...] surge uma nova atitude de indivíduos para com o mundo circundante². E, como consequência, irrompe um tipo totalmente de criações espirituais, que rapidamente assumiu as proporções de uma forma cultural bem delimitada”. A essa atitude deu-se o nome de filosofia. A filosofia nasce na Grécia buscando o conhecimento da totalidade do homem e do mundo a fim de, na busca racional (entendendo por razão aqui algo que transcende qualquer reducionismo maniqueísta) por essa unidade, interrogar-se pelo próprio sentido da existência humana. Todavia, o racionalismo moderno, que se originou especialmente com a filosofia Cartesiana e a consequente especialização crescente do saber, inverte esse quadro. A fenomenologia, portanto, surge e se consolida como uma crítica a esse reducionismo. Como ensina Merleau-Ponty, o chão de onde brota a própria ciência é o mundo vivido e vivenciado por todos nós. É, preciso, portanto, resgatar a grandiosidade da própria existência. É preciso que a ciência dialogue com a própria vida, que é a força maior que nos impulsiona, como nos explica Merleau-Ponty:

Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido, e se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentido e seu alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo da qual ela é expressão segunda. A ciência não tem e não terá jamais o mesmo sentido de ser que o mundo percebido, pela simples razão de que ela é uma determinação ou explicação dele. (MERLEAU-PONTY apud MOREIRA, 2002, p. 69)

A partir dessa perspectiva trazida por Merleau-Ponty compreendemos também que essa busca arqueológica dos sentidos do ser-sendo jovem cego/homossexual está diretamente ligada às dimensões afetivas estabelecidas por nossos sujeitos jovens (ou jovens sujeitos). Para tornar mais clara nossa intenção trazemos uma pequena fala de Barbosa (2006, p.69) que nos faz entender que “Sentido aqui se refere aos aspectos da vida afetiva (com seus sentimentos, emoções e desejos) e ao mesmo tempo como esses afetos ‘(co)movem’ a vida entregues como

² “Mundo circundante (*Umwelt*) é um conceito que tem seu lugar exclusivamente na esfera espiritual. Que nós vivemos em nosso respectivo mundo circundante, ao qual estão dirigidas todas as nossas preocupações e esforços, designa um fato que sucede puramente no plano espiritual. Nosso circum-mundo é uma formação espiritual (*ein geistiges Gebilde*) em nós e em nossa vida histórica” (HUSSERL, 2002, p. 62).

experienciamentos ao pesquisador. O sentido ou o rumo/ norte/ direção que torna a existência vivida conduzida pela vida afetiva”.

É importante destacar nesse contexto que a forma como Heidegger pensa o ser vai muito além dos limites da metafísica tradicional, até mesmo porque, segundo Hermann (2002), sua compreensão não se constrói a partir de uma operação oposta à própria vida constituinte, mas procura se ligar ao próprio modo original da vida humana. Dessa maneira:

“[...] O ser não está onde possamos identificar uma essência e, portanto, conhecê-lo conceitualmente. A determinação não esgota o ser, porque as possibilidades de determinação são infinitas. O ser se encontra onde o que acontece pode ser compreendido” (HERMANN, 2002, página 34).

É importante esclarecer aqui que essa compreensão que se funda em múltiplas possibilidades só é possível porque o próprio mundo que é habitado pelo homem é um mundo muito diferente daquele que é representado-compreendido pelas ciências modernas. Na verdade o mundo aqui antecede a qualquer tipo de separação como a que foi operacionalizada pela modernidade (separando homem-mundo, que torna-se homem-objeto, homem-mundo objetivado). O mundo, portanto, se caracterizaria como o próprio ser e o homem, na conjuntura que se instaura e ganha forma, nessa configuração (*Bewandtnis*), se constitui como um ser-no-mundo (*Dasein*).

Partindo deste princípio, então, “[...] A compreensão se mudaniza, permeia todos os momentos da vida, de modo que somos nós que temos o sentido da existência” (HERMANN, 2002, página 34). O próprio modo prático de ser no mundo que se constitui nesse movimento é que abre as possibilidades de sua compreensão. Por tudo isso, “[...] Compreender não é uma das tantas formas possíveis de comportamento do sujeito, tampouco uma forma de cognição entre outras, mas o modo de ser do *Dasein*” (IBIDEM).

Não trata-se aqui de compreender o ser como objeto (como no esquema sujeito-objeto, que foi consolidado na epistemologia moderna) ou como um ser determinado, mas como a compreensão do homem e do mundo em sua totalidade a partir de um movimento *con-junto*. De acordo com Santos (2011) “[...] a circunvisão³ da ocupação que lida com utensílios e a

³ A idéia de circunvisão (*Umsicht*, em alemão) pode ser compreendida de forma a levarmos em conta que “A construção do mundo cotidiano das ocupações não é cega, mas guiada por uma visão de conjunto, a circunvisão,

visualização própria ao conhecimento são modos de descobrimento dos entes intramundanos, fundados na abertura (*Erschlossenheit*) que constitui o *Dasein*: a disposição, a compreensão e o discurso” (SANTOS, 2011, página 73). Assim, o próprio do Cuidado, pensado a partir de Heidegger, traz consigo uma estrutura na qual está implicada, segundo Santos (2011), a existencialidade (*Existenzialität*), a facticidade (*Faktizität*) e a decadência (*Verfallensein*). Pensado a partir dessa dimensão o *Dasein* deve ser compreendido, portanto, como abertura⁴. Afinal, “[...] Sendo a abertura a condição ontológica de possibilidade do descobrimento em geral é, *a fortiori*, o fenômeno originário da verdade. Portanto, *Dasein* é a verdade originária” (SANTOS, 2011, página 73).

Buscando ligar todas essas ideias ao curta-metragem em questão devemos pensar a profunda relação que podemos estabelecer aqui com a própria ideia de inclusão. Em termos fenomenológicos e existenciais, pensarmos uma educação inclusiva significa também pensá-la numa dimensão de liberdade – que permite o desvelar das relações e das construções de sentidos/significados que aí perpassam. O próprio processo educativo, como defende Pinel (2000), é um processo criador que abarca sempre consigo a dimensão da liberdade – uma liberdade construída a partir de uma relação de alteridade. Essa relação de respeito e convívio com o Outro, com o diferente, produz uma relação autêntica, ou seja, uma relação na qual a dimensão afetiva constrói os alicerces da mesma. Educação, liberdade e afetividade são, portanto, faces de uma mesma moeda tendo em vista que:

A educação, então, tem um sentido de ser libertadora e não impositiva, massificante. Ela é criadora, pois deve permitir a pessoa ser-si-mesma num contexto dinâmico de fazer opções. Aí a educação deve abarcar não apenas o aspecto intelectual ou profissional, mas, principalmente, e daí se vê brotar, a dimensão afetiva de quem faz a educação, o educador e o educando. O caminho que conduz essa educação é o afeto. (PINEL, 2000, p. 16)

Em termos Heideggerianos, para desvelarmos os diferentes significados e afetos construídos pelos jovens no cotidiano da escola é preciso, antes de qualquer coisa, sermos tomados pelo

que abarca o material, o usuário, o uso, a obra, em todas as suas ordens” (SCHUBACK apud HEIDEGGER, 2008, página 566).

⁴ A abertura aqui (*Erschlossenheit*) assume a configuração de uma presença que se realiza no próprio movimento de descobrir-se, tendo em vista que “[...] O modo de abertura próprio da presença distingue-se da descoberta na medida em que ela se revela para si mesma, exercendo o papel de revelador. Esse modo de revelação da presença, Ser e Tempo o chamou de abertura. A descoberta dos entes não dotados do caráter de presença se faz como ser-descobridor da presença numa abertura” (SCHUBACK apud HEIDEGGER, 2008, página 568).

espanto. Não um espanto que amedronta, mas um espanto ligado ao estranhamento daquilo que é tão familiar e, por isso, aparentemente tão conhecido. Espantar-se aqui é, portanto, colocar-se na dimensão do não-saber. Heidegger nos explica que “o espanto é, enquanto *páthos*, a *arkhé* da filosofia” (2000, p. 37). Para compreendermos essa afirmação de Heidegger é importante entendermos o próprio sentido da palavra *arkhé* para os Gregos que designa “aquilo de onde algo surge”. Todavia, é importante estarmos atentos para o fato de que “este ‘de onde’ não é deixado para trás no surgir; antes a *arkhé* torna-se aquilo que é expresso pelo verbo *arkhein*, o que impera” (Ibidem). O espanto seria, desse modo, aquilo que caracteriza a filosofia - e o próprio saber em sentido amplo - e “impera em seu interior”. A busca de novas respostas e possibilidades seria, de alguma forma, a busca às próprias origens. Ou seja, através do espanto retornamos ao porquê de todas as coisas.

Leonardo e Gabriel – um encontro revelador

Um aspecto fundamental do filme é relativo ao modo como a sexualidade de Leonardo é desvelada ao longo da história. Seu corpo e suas emoções - vividas e percebidas através do conjunto de descobertas que vão sendo conduzidas principalmente a partir de seu encontro com Gabriel - encontram-se intimamente imbricados. De alguma forma, Leonardo percebe-se no mundo – como um ser que ama, como alguém enamorado - a partir de seu encontro com Gabriel. Com isso podemos afirmar, conforme coloca Nóbrega (2008), que a percepção não é algo distinto da sensação, conforme a ciência positivista defende. Devemos pensar que a percepção é construída não a partir de sensações isoladas, elementares, mas como um campo de consciência no qual se integram o conjunto de nossas experiências configuradas nessas formas de ser-estar no mundo. Desse modo defendemos uma maneira de pensar a percepção semelhante a oferecida pela *gestalt* para qual, segundo Nóbrega, “[...] a percepção é compreendida através da noção de campo, não existindo sensações elementares, nem objetos isolados. Dessa forma, a percepção não é o conhecimento exaustivo e total do objeto, mas uma interpretação sempre provisória e incompleta” (2008, página 141).

Uma das cenas mais intrigantes do curta-metragem vem, inclusive, no momento em que Léo toca e sente o cheiro do moletom que Gabriel acabou esquecendo em sua casa. Tato e olfato se entrelaçam na enigmática descoberta do desejo que se manifesta. Como num movimento aparentemente contraditório desvelo o desejo que se anuncia em mim a partir do outro. Para

compreendermos esse fenômeno em toda sua plenitude é preciso levarmos em conta que a percepção não é mera representação, mas ela está ligada ao corpo, as sensações que esse corpo emana e nos provoca. O corpo, portanto, é existência. Existência essa que se constrói na mediação entre o Eu e o mundo, entre eu e o outro. Afinal, nossa constituição subjetiva se faz a todo instante a partir desse encontro.

Como nos afirma Francalanci: “[...] a vida somente acontece no convívio, uma vez que, desde sempre, os outros já se encontram, para a nossa existência, manifestos. Não é possível, assim, encontrar a vida sem ter encontrado, conjuntamente, esta sua dimensão *outros*” (2002, p. 94). Ainda nessa direção podemos pensar também que a vida, em seu sentido existencial, deve ser compreendida como movimento – movimento (des)contínuo, sempre a se (re)fazer. Com isso produzimos sempre novas formas de ser e sentir o mundo geradas a partir da incompletude que caracteriza nossa existência, tal como Leonardo que, ao tocar o moletom e exalar ali o odor daquela pessoa que lhe produz sentimento de ausência e de falta. Graças a todo esse movimento, devemos ter em conta que ser-no-mundo é habitar este mundo através de uma existência perceptiva pautada nas sensações, pois, retomando Nóbrega (2008, p. 142):

“[...] os movimentos acompanham nosso acordo perceptivo com o mundo. Situamo-nos nas coisas dispostos a habitá-las com todo nosso ser. As sensações aparecem associadas a movimentos e cada objeto convida à realização de um gesto, não havendo, pois, representação, mas criação, novas possibilidades de interpretação das diferentes situações existenciais”.

Buscando um sentido fenomenológico a partir desse encontro entre Leonardo e Gabriel podemos afirmar que compreender o homem como *Dasein* é perceber que ele se constitui no encontro e nas relações que estabelece com os outros, tendo em vista que não existe um sujeito isolado do mundo, mas que a própria constituição subjetiva é, antes de qualquer coisa, uma constituição intersubjetiva. A partir desse horizonte antropológico podemos afirmar então que “[...] Na compreensão Fenomenológica Existencial, o homem se torna *Dasein* unicamente na sua relação de ser-com-os-outros (humanos). *Dasein* é sempre uma possibilidade, na qual se encontra uma abertura para a experiência⁵. O homem é o ser-

⁵ Homem-Mundo surge aqui como horizonte possível que é desvelado nesse encontro que sempre se constrói partindo de uma disposição de sentido que o afeta (aquilo que Heidegger denomina de *Befindlichkeit*) e o projeta. Nesse encontro, ao lançar-se no mundo, o homem se constitui como tal. Como explicita Nunes (1991) “[...] O *Dasein* abre-se ao mundo, seja porque o investe compreendendo-o, seja porque o mundo investe-o, dispondo-o a sentir. Estamos diante de duas estruturas fundamentais interdependentes: a *disposição de ânimo* (*Befindlichkeit*), que acusa o ser-lançado no mundo (*Gewonfenheit*), e o compreender (*Verstehen*), que acusa o

existindo-aí” (SODELLI, 2008, página 207). Nessa dimensão antropológica, é importante nos atentarmos, o homem não é um ente coisificado, produto de relações de causalidade, nem seria uma interioridade fechada nela mesma, uma *res cogitans* no sentido cartesiano, mas uma unidade que se constitui nos encontros, vivências, desejos, sentidos e tensões. O homem nunca é definitivamente, mas está sendo a partir da abertura (*Erschlossenheit*) que caracteriza sua própria existência (*Existenzialität*). Desejamos porque estamos lançados a nossa própria incompletude e esse desejo que vivemos junto ao outro nos abre campos possíveis de experimentações e de diferentes formas de *ser-sendo*.

Conclusão

Para além das questões educacionais, o filme nos mostra de maneira sensível Leonardo, um adolescente que, para além da deficiência, é um sujeito que traz consigo uma identidade própria, sua subjetividade, o que nos possibilita vê-lo como indivíduo para além da marca da impossibilidade e do estigma do diferente. Leonardo, muito longe de ser apenas mais um adolescente cego inserido em uma comunidade escolar é, acima de tudo, alguém que se percebe no mundo e como ser-no-mundo interage com o mesmo de maneira autêntica, pois “Ser autêntico é apropriar-se de si, é fazer sua própria coisa e não o que é esperado de si ou lhe é prescrito por outrem” (TRUGILHO, 2008, p. 10). O curta-metragem nos aponta, com uma sensibilidade e delicadeza que fazem da poesia a marca central do mesmo, Leonardo em uma existência autêntica, no sentido de poder-ser si mesmo, imerso em um universo de possibilidades e trilhando suas escolhas e decisões conforme sente e percebe o mundo ao seu redor.

seu projetar-se. A primeira é de ordem factual (facticidade), e a segunda, o projeto (*Entwurf*), pertence à ordem das possibilidades existenciais (existencialidade)” (NUNES, 1991, página 110).

Referencias

BARBOZA, Madalena Maria. **O sentimento é dor, o riso é felicidade e a educação ambiental é sendo isso aí mesmo cuidado: O (des)velar-se “discentesdocentepesquisadora”** em uma sala de aula de Educação Infantil do Sistema Municipal de Ensino de Vitória (ES) Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória: UFES, 2006.

FRANCALANCI, C. **Amor, filosofia, fundamento.** Sofia – revista de filosofia (Vitória), UFES, v. 9 e 10, p. 87-108, 2002.

HEIDEGGER, Martin. **Que é isto – A filosofia?** Coleção Os Pensadores. SP: Nova cultural, 2000.

_____. **Ser e Tempo.** Tradução de Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis, Editora Vozes, 3ª edição, 2008.

HERMANN, Nadja. **Hermenêutica e educação.** 1ª. ed. Rio de Janeiro: DPA, 2002. v. 1. 110p.

HUSSERL, Edmund. . **A crise da humanidade européia e a filosofia.** 2. ed. - Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

KASSAR, M. C. M. et al. Políticas de inclusão: o verso e o reverso de discursos e práticas. In: JESUS, D. M. de et al (Orgs.). **Inclusão, práticas pedagógicas e trajetórias de pesquisa.** Porto Alegre: Mediação/ Prefeitura Municipal de Vitória/ CDV/ FACITEC, 2007.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MATTHEWS, Eric. **Compreender Mearleu-Ponty.** Petrópolis: Vozes, 2010.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa.** São Paulo: pioneira Thomson, 2002.

NOBREGA, Terezinha Petrucia da. **Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty.** *Estud. psicol.* (Natal). 2008, vol.13, n.2.

PAIVA, J. S. **(Sobre)vivências:** um estudo fenomenológico-existencial acerca dos modos de ser sendo crianças e adolescentes em situação de rua. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória: UFES, 2006.

PINEL, Hiran. **Educadores de rua:** michês (rapazes que se prostituem). Educação (especial) de rua e a prevenção contra as DST/AIDS; uma compreensão frankliana do ofício no sentido da vida. Tese de doutorado. São Paulo: IP-USP, 2000.

SANTOS, Luciano campos dos. **Conhecimento e verdade na ontologia fundamental de Martin Heidegger.** Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós Graduação em Filosofia da Universidade Estadual de Campinas. Campinas: UNICAMP, 2011.

TRUGILHO, Silvia Moreira. **O ser sendo diante da morte:** um estudo sobre a experiência de enfrentamento da morte por profissionais de saúde e suas aprendizagens. Doutorado (Doutorado em Educação) - Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória: UFES, 2008.